

DOSSIÊ

**RESENHA/BOOK REVIEW: PINAFI, Tânia.
História do Movimento de Lésbicas no Brasil: Lésbicas
contra a invisibilidade e o preconceito. Saarbrücken:
Novas Edições Acadêmicas, 2015. 130 p.**

Sheila dos Santos Nascimento¹⁰⁹

Submissão: 31/07/2016

Revisão: 01/08/2016

Aceite: 01/08/2016

Resumo: Esta resenha foi produzida para a disciplina Gênero e Sexualidades do Programa de Pós Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – PPGNEIM, no semestre letivo 2015.2 da Universidade Federal da Bahia-UFBA.

¹⁰⁹ Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Contato: sheilanascimento.bio@gmail.com.

“História do Movimento de Lésbicas no Brasil: Lésbicas contra a invisibilidade e o preconceito” da psicóloga Tânia Pinafi traz a trajetória do movimento de lésbicas no Brasil partindo da formação do primeiro grupo organizado de mulheres homossexuais no final na década de 70.

O livro apresenta 11 partes, antecedidas por um breve texto de agradecimento da autora seguido pela introdução, 7 capítulos e 3 subcapítulos, as considerações finais, referências bibliográficas e anexos. Pinafi buscou em sua obra narrar a história do movimento de lésbicas no Brasil a partir da trajetória do primeiro grupo organizado de lésbicas do Brasil, que surge ao final da década de 70.

Pinafi traz na introdução de seu livro que para a lésbica é colocada a condição de mulher por nascer como um sujeito do sexo feminino assim “valores, condutas, anseios lhe são transferidos e por ela serão introjetados, em maior ou menor medida, ao longo de sua vida” (p. 3). Estas construções se deram dentro de uma perspectiva sócio histórica onde o homem ocupa uma posição de referência entre os sujeitos.

É através do olhar da psicologia sócio histórica que Pinafi nos traz que o surgimento dos movimentos veem de uma necessidade pré existente que está alicerçada em construções históricas que são transformadas ao longo da história. Pinafi utiliza como objeto de sua pesquisa o primeiro grupo de lésbicas organizado para entender as necessidades da categoria no Brasil colocando que as mudanças vivenciadas em sua trajetória possibilita uma descrição linear da historia do movimento.

Dentro da introdução, Tania Pinafi traz o subcapítulo “Considerações sobre a condição da mulher” onde a autora traz um breve histórico da condição da mulher desde a Antiguidade Clássica até consolidação do sistema Capitalista, para entender a dupla discriminação sofrida pela lésbica, por ser mulher e por ser homossexual, considerando aspectos sócio-históricos que envolvem as lésbicas, também trazendo o pensamento feminista como questionador dessas

construções históricas em torno das mulheres e aponta suas contribuições no levantamento de um pensamento emancipador para as mesmas.

A autora busca evidenciar, em sua obra, os pontos de intersecção “do sujeito lésbico e feminista” (p.10) importante para a demarcação do lugar das mulheres que compunham o primeiro grupo lésbico organizado, o Lésbico Feminista (LF). A emersão do LF se dá dentro do Movimento Homossexual brasileiro, por esta razão, a autora coloca a importância de entender a construção histórica deste espaço. A participação das lésbicas dentro do Movimento Homossexual e, posteriormente, Feminista resulta das identificações entre eles, e foram de valor significativo, mas devido a pouca sensibilidade às especificidades lésbicas, o contato com estes grupos também foi marcado pela presença do machismo e da lesbofobia.

Em “A imprensa homossexual brasileira nos anos 60 e 70” e “A formação do primeiro grupo homossexual organizado” Pinafi vem destacando como o surgimento dos primeiros jornais produzidos e direcionados ao público homossexual no Brasil na década de 60 foi importante para o surgimento dos primeiros grupos homossexuais organizados. Porém, cabe destacar o que pode ser considerado uma negligência da imprensa homossexual ao público lésbico, já que as publicações destinadas à este grupo, surgiram a quase duas décadas depois.

Pinafi destaca que o primeiro grupo de homossexuais organizados, o SOMOS-Grupo de Afirmação Homossexual, nascido em 1978, foi inicialmente formado por homens gays e começou a agregar mulheres lésbicas um ano depois, em 1979. Tão logo que começaram a compor este espaço, essas mulheres identificaram as marcas do machismo no grupo como um todo, o que trouxe à emersão pela construção de um espaço específico. Surge então, o subgrupo Lésbico-Feminista (LF), em junho de 1979, formado por algumas das lésbicas que compunham o SOMOS.

Os conflitos vivenciados pelas mulheres do LF não pararam por aí, suas primeiras participações em eventos mistos feministas e homossexuais foram importantes para o fortalecimento da militância lésbica, entretanto, as divergências tornou a caminhada das lésbicas bastante espinhosa.

Em “Lésbico Feminista no feminismo: a sexualidade em questão” vem contar de forma mais detalhada a experiência das militantes do LF no espaço feminista II Congresso da Mulher Paulista (II CMP), em 1980. Segundo Pinafi, além da intensa disputa político-partidária decorrente do recém instituído multipartidarismo no Brasil, que trazia discursos que colocavam as pautas feministas em segundo plano, houve discriminação vinda das mulheres heterossexuais que estavam a ignorar os questionamentos das lésbicas.

O capítulo “Antecedentes do I Encontro Brasileiro de Homossexuais” dialoga com “O processo de formação do primeiro grupo lésbico” contando a história da construção do I Encontro Brasileiro de Homossexuais e como a participação das lésbicas nesse espaço foi importante para que elas colocassem em evidencia suas pautas e denunciassem o machismo nos movimentos homossexuais mistos. As lésbicas ali presentes expuseram a importância de organizarem-se separadamente e, um mês após o fim do evento, as lésbicas publicam uma carta no Jornal Lampião da Esquina, explicando seu desligamento do grupo SOMOS. As lésbicas e outros homossexuais saem do grupo e formam então os dois novos Grupo Lésbico Feminista e o Grupo Outra coisa: Ação Homossexualista.

No capítulo “O processo de formação de primeiro grupo lésbico” vem sendo abordada a participação das lésbicas no I Encontro de Homossexuais Organizados, nos dias 4 e 5 de abril de 1980. Contando com espaços específicos as lésbicas levantaram as pautas: a busca de uma identidade homossexual e o movimento homossexual quanto ao machismo, à reprodução de papéis sexuais, a participação das lésbicas e a diferença numérica entre homens e mulheres. O

desenrolar do I Encontro de Homossexuais Organizados foi crucial para a formação do independente Grupo Lésbico-Feminista.

No subcapítulo “Primeiros passos do Grupo Lésbico Feminista”, Tânia Pinafi vem abordar a trajetória do agora autônomo Lésbico Feminista. Por compartilharem intersecções referentes à homossexualidade e de gênero com o Movimento homossexual e Feminista respectivamente, as lésbicas estavam em constante trânsito entre esses grupos sendo muito questionadas sobre isso. A aproximação com o Movimento Feminista acirrou os conflitos internos do LF, resultando em um racha do grupo e o surgimento do “Terra Maria Opção Lésbica”. Apesar das dificuldades o grupo continuou a cumprir suas pautas agora enfocando locais de concentração lésbica, além de lançarem o Jornal “Chana com Chana”, que em 1982 vem ressurgindo em formato de boletim, após dois anos estacionado devido a precariedades financeiras.

Em 1981 as lésbicas do LF experimentam um importante enfraquecimento, porém permanecem a militando seguindo a corrente feminista e lésbica e fundam o Grupo Ação Lésbica Feminista.

No capítulo e subcapítulo “Grupo Ação Lésbica Feminista” e “Em busca de um feminismo lésbico” a autora vem descrevendo a trajetória do Grupo Ação Lésbica Feminista do início ao fim da década de 80. Um afastamento das lésbicas para o movimento homossexual e feminista ocorre no início dos anos 80. Em 1982, uma intervenção no dia 8 de março, dia Internacional da Mulher, demonstrou que o grupo apresentava-se imaturo ideologicamente naquele período, ainda que, durante o período de afastamento, o grupo tinha buscado fortalecimento interno. A reaproximação com os movimentos, as experiências de períodos anteriores e com o movimento internacional foram amadurecendo a militância favorecendo uma melhor compreensão das opressões que as envolviam e possibilitando e a exploração de outras possibilidades de combatê-las.

O final da década de 80 expressou os resultados da reaproximação das lésbicas com o feminismo, em que as experiências diversas trouxeram novas perspectivas para o grupo, sendo decisiva para a substituição do boletim “Chana com Chana” (em 1987) para o boletim “Um Outro Olhar”. Ademais, o Grupo Ação Lésbica Feminista deu lugar uma organização não governamental denominada “Rede de Informação Lésbica Um Outro Olhar”, no ano de 1990. Estes dois grandes marcos do movimento de lésbicas no Brasil trouxe uma nova roupagem ao movimento lésbico que iniciou-se na década de 90.

Em “Rede de Informação Lésbico Feminista” (RILF), Pinafi conta a trajetória da militância lésbica na década de 90. Nesse período, a participação das lésbicas em eventos da militância homossexual brasileira. Nesses encontros, sua a composição mista, foi um campo onde as convergências inevitavelmente afloraram-se. Neste contexto as lésbicas procuraram expor as assimetrias de gênero e fomentar a discussão acerca do assunto para pensar um movimento homossexual que contemple as lésbicas. A autora destaca também que, nesta década, torna-se realidade financiamentos para organizações envolvidas nas questões sociais, o que foi de grande importância para o desenvolvimento das mesmas. Porém, o campo de intensa disputa entre as lideranças dos movimentos não favoreceu com que novos militantes adentrassem aos grupos, além de que o trabalhos com os projetos resultaram numa redução considerável do tempo de militância, o que também pode ser contado como um fator de enfraquecimento da militância lésbica no período.

Nas “Considerações Finais”, Pinafi faz um breve apanhado do que veio sendo abordado no livro acerca da trajetória do Movimento de Lésbicas e conclui problematizando o financiamento de projetos para aos movimentos sociais especificamente o quanto que eles o tornaram dependentes dos financiadores, visto que as atividades desenvolvidas por eles tornaram-se restritas às pautas pré-determinadas pelos editais de financiamento.